

Líbano

Mais da “revolução permanente”?

A crise desencadeada com a morte de Hariri parece fazer parte de um novo tipo de golpe de Estado



Muitos viram a mão da Síria no assassinato do ex-primeiro-ministro libanês Rafic Hariri. A explicação, segundo esse ponto de vista, é que o dirigente libanês tornou-se adversário dos milhares de militares sírios que permanecem no Líbano desde a guerra civil, de meados dos anos 1970. Desde o atentado de fevereiro, que vitimou Hariri, a pressão internacional e da oposição libanesa tornou-se tão forte que os sírios concordaram em retirar-se – na verdade, em março eles já começaram a sair do território libanês (ver **O partido de Deus na política**, à p. 25).

É razoável afirmar que o atentado foi algo que exigiu algum grau de sofisticação organizacional, já que na explosão que atingiu o comboio de carros blindados que transportava Hariri devem ter sido utilizados cerca de 600 kg de explosivos. Uma das hipóteses – a das forças de segurança libanesas – é que os explosivos foram detonados por um suicida. Outra, é que uma poderosa bomba foi colocada em dutos subterrâneos e detonada remotamente.

Robert Fisk escreveu no jornal britânico *The Independent* que a hipótese do atentado suicida aponta para a Al Qaeda. A explicação é que Hariri, muçulmano sunita, era muito próximo dos dirigentes da Arábia Saudita, contra quem a Al Qaeda trava uma guerra sangrenta.

“Revoluções sem sangue” Como todas as outras, essa hipótese é conveniente para quem a formula – nesse caso, as forças libanesas pró-sírios e o próprio governo da Síria. Fisk sugere então que se procure compreender o caso a partir da seguinte pergunta: a quem interessaria a morte de Hariri? Ele diz que as correntes libanesas pró-Síria advertem para o fato de que do projeto político neoconservador traçado nos EUA para o Oriente Médio não só constava a derrubada de Saddam Hussein no Iraque, mas também chamar a atenção para a Síria “usando opositores libaneses para desestabilizar o controle sírio sobre o Líbano”. E que melhor maneira de desestabilizar a Síria no Líbano que matando Hariri?

O analista político Viacheslav Titiokin escreveu no jornal russo

Sovietskaya Rossiya um artigo que leva ainda mais longe esse raciocínio. Ele inclui os acontecimentos ocorridos no Líbano na série de “revoluções sem sangue”, eventos com “enormes aglomerações de gente nas praças, discursos apaixonados, chamamentos decididos, fogueiras, velas, bandeiras tremulando”. Primeiro, diz, foi Belgrado (Iugoslávia); depois vieram Tbilisi (Geórgia) e Kiev (Ucrânia); agora, Beirute. “Algo assim como uma ‘revolução permanente’”, diz Titiokin.

São, diz ele, golpes de estado, “realizados segundo um esquema radicalmente novo”. “Sem tanques, nem soldados, nem tiroteios. Tudo é feito pacificamente, com nobreza, com solenidade”. E, “por uma surpreendente conjunção de circunstâncias”, em cada uma das vezes, “acabam chegando ao poder forças claramente pro-americanas”.

Para descobrir a quem interessava o desaparecimento de Hariri, ele formula a questão no sentido inverso: a quem não convinha o crime? E lembra que a Síria seria a menos interessada, já que desde meados de 2002 está submetida a uma forte pressão por parte dos americanos, que a incluíram no “eixo do mal”. Seria, portanto, um completo desatino político de Damasco tomar parte em um ato terrorista.

Titiokin lembra, então, a forte ligação de Hariri com o presidente da França, Jacques Chirac e que, nos últimos tempos, os franceses tentavam restabelecer suas antigas posições no Oriente Médio – o que não convém nem a americanos e nem a israelenses.

Dinheiro da CIA Ele diz ainda que o ex-dirigente libanês tinha um papel “muito importante no desenvolvimento das relações econômicas e comerciais da Arábia Saudita com a Rússia”. E que essa aproximação “não despertava nenhum entusiasmo entre aqueles que pretendem utilizar nosso país como obtuso instrumento de luta contra o mundo islâmico”.

Para Titiokin, tanto EUA quanto Israel tinham interesse em criar uma grave crise no Líbano. Assim, é nessa pista que se deve procurar os responsáveis pela morte de Hariri. Para os que acham que as hipóteses levantadas pelo russo soam fantasiosas, uma recomendação: leiam o livro *Todos os homens do Xá*, de Stepehn Kinzer, um relato do golpe de Estado orquestrado pela CIA em 1953, que derrubou o primeiro-ministro nacionalista Mohamed Mossadeg. Lá estão, em detalhes, as armações feitas por Kermit Roosevelt – neto do ex-presidente americano Theodore Roosevelt –, o agente que se aliou ao xá Reza Pahlevi, corrompendo militares e religiosos com dinheiro, para derrotar o homem que nacionalizou o petróleo no Irã. Ainda não era a época do tipo de golpe de que fala Titiokin hoje – os militares desempenharam papel ativo na ocasião. Mas já havia grandes mobilizações de massa, financiadas, ao menos em parte, com os dólares enviados por Washington. Como, aliás, parece ter ocorrido em Belgrado, em Tbilisi e em Kiev. E, talvez agora, em Beirute. ■